

## COMUNICAÇÃO ORAL

### 8. Juventude, Direito e Políticas Públicas

#### **VIDAS INTERROMPIDAS: EXPERIÊNCIAS DE ADOLESCENTES VÍTIMAS DE INCESTO E EM SITUAÇÃO DE ABRIGAMENTO.**

Aline Luiza de Carvalho (Mestre pela PUC Minas)

Márcia Stengel (Profa. Dra. da PUC Minas)

As dificuldades que os jovens encontram em lidar com aspectos importantes neste período da vida geralmente são amparadas pela família. Porém, em alguns casos, estes suportes são deficitários ou inexistentes, expondo-os a situações embaraçosas, questionamentos diversos ou sensação de desamparo irreparável. Neste grupo, podemos descrever os adolescentes que estão em condição de abrigo. Em dissertação sobre adolescentes vítimas de incesto, uma situação comumente observada foi o afastamento destas de suas famílias, estando desamparadas em seus sentimentos de filiação, sem referência afetiva e um lugar psicossocial. Neste momento estão acompanhadas por profissionais que tentam realizar seus trabalhos, mas que não suprem estas faltas, não substituem vínculos afetivos importantes, nem apagam as lembranças escritas em suas histórias, deixando com isso espaços descontínuos, que pouco asseguram um sentimento de pertença e a formação de sua identidade. Estas adolescentes, que foram afastadas por vivências violentas e vínculos familiares frouxos, no abrigo estão impossibilitadas de dar continuidade e sentido a sua história pregressa, encontrando uma outra forma de lidar com seus medos, dúvidas e construir novas possibilidades de resolução a esta problemática familiar. Como resultado da dissertação, observamos que as vítimas de incesto são comumente revitimizadas com o abrigo, estando separadas de suas famílias, algumas vezes sem nenhum contato com seus parentes e amigos, com poucas ou nenhuma visita e informações. Estas adolescentes que foram ofendidas sexualmente estão impossibilitadas de dar continuidade aos seus vínculos, conquistas e construções pessoais. As repercussões observadas a estas adolescentes começam pela sensação de desamparo, distante de sua história, passando por uma falta de um sentido de vida, experimentam o abandono, a vulnerabilidade, a exclusão, a sensação de paralisação em suas histórias – até que tudo seja resolvido – e aí reiniciarem, se isso for possível, de onde tudo parou. Mesmo que os abrigos façam as suas tentativas, eles não suprem as demandas primárias destas adolescentes, o que provavelmente repercutirá no desenvolvimento psicossocial desses sujeitos: amizades, relações afetivo-sexuais, expectativas profissionais, dentre outros pontos significativos e que

estão em evidência nesta fase. Nos abrigos, encontrarão referência institucional, orientação pedagógica e cultural, desenvolvimento de algumas habilidades sociais, limites, competências, porém não conseguirão suprir envolvimento socioafetivo diversos, sentimento de pertença, segurança e apoio emocional para as dificuldades atuais e futuras. Então, como dar continuidade às suas histórias interrompidas caso ainda possuam alguma oportunidade de retornarem aos seus lares e reencontrar outra realidade construída neste tempo em que estavam ausentes? Este artigo pretende atentar a essa problemática a partir das entrevistas com as adolescentes abrigadas.

**Palavras-chave:** Adolescência, Incesto, Abrigo.